

A LITERATURA EM “ARTINHA DE LEITURA” DE LOPES NETO E “HISTÓRIAS DA TETÉ” DE PEDRO WAYNE

Cristina M. Rosa¹

A História dos manuscritos

O primeiro manuscrito analisado nesse artigo é “Artinha de Leitura” de João Simões Lopes Neto². Anunciado como o primeiro livro de uma pretendida “Série Brasileira” em uma conferência pública – Educação Cívica – o desejo do autor seria o de criar um livro “(...) simples, lúcido, saudável, cantante, de alegria e caricioso, (...) que fosse amado pelas crianças” (JSLN in: SCHLEE, 2006: 280).

Dedicado “as escolas urbanas e ruraes”, com o manuscrito JSLN intencionava produzir um livro para ser adotado nas escolas do RS e, por isso, submeteu-o ao julgamento do Conselho de Instrução Pública do RS (AHRGS: Acta da 5ª Reunião - 21/07/1908). O conselho não aprovou seu projeto, conforme ata da 6ª Sessão (25/07/1908), na qual se lê: “Sobre a cartilha primaria ‘Serie Brasileira’, em manuscrito, de J. Simões Lopes Netto, entende o Conselho que, não podendo o Estado impôr a orthographia seguida pelo autor, deve ser reparado o trabalho por estar em desacôrdo com o Regulamento e não obedecer ao criterio de ensino”.

O veredicto não intimidou JSLN que imediatamente ocupou-se em redigir uma “Ligeira Contradicta” (NETO, 1908) argumentando em favor da ortografia utilizada além de se propor a refazê-la. A história oficial do manuscrito, aos olhos públicos, se encerra nesse momento, por exatamente cem anos. Desaparecido, procurado exaustivamente, em 2008 o manuscrito foi encontrado e doado à Universidade Federal de Pelotas que, em comodato, entregou-o ao Instituto João Simões Lopes Neto.

Fisicamente trata-se de um pequeno caderno escolar com 80 páginas escritas apenas no rosto, encadernado e em perfeito estado. Em cada uma das páginas, um tratamento de artista: margens ressaltadas, arabescos nos quatro cantos do papel e notas de rodapé com instruções e explicações ao mestre: é uma cartilha completa, com todas as letras do alfabeto, inclusive o k, w e y.

¹ Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

² João Simões Lopes Neto nasceu em 9 de março de 1865 em Pelotas e faleceu em 14 de junho de 1916. É autor de Cancioneiro Guasca (1910), Contos Gauchescos (1912), Lendas do Sul (1913) e Casos do Romualdo (na forma de folhetim antes de 1916 e, em livro, em 1952).

O segundo texto analisado é “Histórias da Teté”. Manuscrito e ilustrado por Pedro Wayne³ no final dos anos 30, “Histórias da Teté” situa-se na interface que há entre as clássicas cartilhas, os livros de leitura e livros de literatura⁴, e permaneceu inédito até 2009. Foi manuscrito em Bagé possivelmente entre 1936 e 1941. Composto de três tomos, é nomeado “Histórias da Teté”, “Outras Histórias da Teté” e “Continuam as Histórias da Teté”. O tamanho de seu miolo, em A5, surgiu de folhas de papel branco em formato A4, dobradas ao meio. Wayne também confeccionou uma capa e contracapa para cada um dos três tomos, reaproveitando, possivelmente, a capa de outro impresso da época. Logo a seguir costurou com agulha e cordão o miolo à capa, deu título e ilustração a essa capa e conteúdo ao papel em branco. Para o trabalho de transcrição foi utilizada a cópia dos originais que a família disponibilizou e foi mantida a grafia e a pontuação utilizadas pelo autor.

A literatura na “Artinha da Leitura”

A literatura que aparece na cartilha “Artinha de Leitura” está localizada na IV Parte do Livro, entre as páginas 50 e 60. São quatro contos morais ilustrados sobre a teimosia, a curiosidade, a gula e a preguiça. As figuras – colagens de recortes – que ilustram os contos independem de texto, ou seja, contam a história sem necessitar de texto. No entanto, os textos dependem das figuras, com exceção do segundo. Não há informações no manuscrito sobre a origem ou autoria dessas figuras. Os textos que as acompanham – as pequenas historietas – possivelmente foram escritos a partir da colagem das figuras na cartilha e em todos eles o escritor convida o leitor a interagir, a opinar, a pensar sobre o que acontece aos personagens. Na transcrição das historietas mantive a ortografia empregada pelo escritor.

A primeira historieta aborda a “teimosia”, o título é “Um teimozo” e o personagem central é um menino – Juca – que é “levado da carepa”. Nas palavras de JSLN (1907):

³ Escritor gaúcho (1904-1051) autor de “Xarqueada” Wayne foi um modernista, segundo alguns de seus estudiosos. Vivendo a adultez em Bagé, é oriundo de uma família de escritores, entre eles, Emília Freitas, poeta abolicionista que publicou o primeiro romance fantástico do Brasil (1885).

⁴ No início do século XX havia cartilhas (destinadas a ensinar a ler e escrever), livros de leitura para ensinar conteúdos escolares aos que já sabiam ler e raros livros de literatura. O primeiro “Livro de Leitura” com características literárias foi “Narizinho Arrebitado” de Monteiro Lobato, publicado e adotado por escolas em 1921 (ZILBERMAN, 1996).

Esse Juca é levado da carepa! Debalde sempre se lhe recomendava: - Não brinque com fósforos! - Não metas cacos de vidro no bolso! Não ponhas botões na boca! Qual! Era o mesmo que nada: lá aparecia ele com cara chamuscada por cauza dos fósforos, com um dedo cortado pingando sangue, engasgado com um carço ou um botão e até um dia o teimozo quasi que enguliu um alfinete. Agora o Juca teimou em fazer equilíbrio sobre uma cadeira de embalo. Sobre uma cadeira de embalo! Sim, senhor. Vêja! Como tive necessidade de sair de casa não sei o que teria acontecido, pois de volta, achei-o na cama, muito pálido, e chorando, das dores que sentia. -Oh! rapaz, o que é isso? Choraminger não é responder? Diga-me você o que foi que sucedeu ao teimoso Juca. Desta vez tomará juízo? Pode ser, pode ser! (NETO, 1907:53 e 54).

A segunda historieta aborda a “curiosidade”, o título é “O curiozo” e há dois personagens, um cachorrinho e uma garrafa. Nas palavras de JSLN (1907):

Certo dia um cachorrinho muito curiozo encontrou uma garrafa muito sizuda e mal que a viu, perguntou: - Dona garrafa, como se chama a senhora? Onde mora? O que faz? O que é que você tem dentro de si? Diga, diga! E a garrafa quieta, calada. O cachorrinho, cada vez mais importuno, tornou a perguntar: - Onde comprou o seu chapéu de lacre? Quanto custou? É de prata a camisa do seu gargalo? Você em sua caza come doce? Diga, o que é que você tem dentro de si? E a garrafa, calada... O curiozo torna-se ainda mais impertinente; meche, puxa, vira, arranha, esfolia, suja e pergunta mais, indaga mais, aborrece mais! E a garrafa, calada... Porem, de repente, a garrafa perde a paciência, não pôde mais sofrer tanta má educação e – záz! – grita ao curiozo: - Não me aborreça! E dá-lhe um grande estouro, na barriga, para castigo. Ora, você que está lendo, acazo conhecerá algum menino curiozo parecido com esse tal cachorrinho? E esse menino curiozo ainda não topou com alguma pessoa que fizesse como fez a garrafa? Cuidado! (NETO, 1907:55-57).

A terceira historieta aborda a “gula”, o título é “A guloza” e o personagem central é uma menina – Maria – que é “uma boa menina, porém...”. Nas palavras de JSLN(1907):

A minha priminha Maria é sem dúvida, uma boa menina, porem... a Maria é guloza, e uma vez, PR causa de um bolo... Nem conto!... Faça você uma idéia do que sucedeu à guloza. Veja estes desenhos e diga-me o que lhe parece que sucedeu à minha prima Maria. Diga lá, eu escuto. (NETO, 1907: 58).

A quarta historieta aborda a “preguiça”, o título é “A preguiçoza” e o personagem central é uma senhora, dona Jozefa, que “um dia, sentou-se na poltrona para o grande trabalho de cochilar...”. Nas palavras de JSLN (1907):

Dona Jozefa era uma senhora pouco ativa, ou antes, muito preguiçoza. Não cuidava dos arranjos da caza, nem das roupas, nem da despensa. A sua filha ainda menina é que era, essa sim, uma doninha de caza que dava gosto ver. Era os encantos do seu papae. Mas dona Jozefa nem parecia mãe de tal filha. Passava os dias na indolencia, cochilando. Um dia sentou-se na poltrona para

o grande trabalho de cochilar... Pó detrás dela ficava um pequeno aquário de vidro onde nadava um peixinho vermelho muito contente na água limpa e fresca. o gato, querendo também divertir-se, pulou para o ombro de dona Jozefa e toca a estender a munheca, a dar tapinhas no aquário, entendendo talvez que era camundongo... Naturalmente, devido aos empurrões, o aquário começou a balançar, à balançar.. E a tudo isso, dona Jozefa com a lombeira, a triste preguiça, cochilava e cochilava e não se animava a espantar o gato! Depois, o que foi que aconteceu? E por que? Por cauza da preguiça. (NETO, 1907:59 e 60).

A literatura em “Histórias da Teté”:

Conservado por aproximadamente 70 anos entre documentos, fotos, livros e demais lembranças na família de Pedro Wayne, a transcrição de “Histórias da Teté” foi realizada a partir de cópia do manuscrito original. Composto por três livros – “Histórias da Teté”, “Outras Histórias da Teté” e “Continuam as Histórias da Teté” – o formato original não contém margens e nem numeração de páginas. Em algumas páginas do manuscrito há ilustrações que retratam o escritor e seus familiares, também essas de autoria de Wayne, que independem do texto. A seguir, um fragmento do 1º livro com a manutenção da grafia e a pontuação original do autor:

Era vez um homem chamado A, era casado com uma senhora muito engraçada chamada dona B. Dona B tinha uns “bas” muito grandes, e uma barriga também muito saltada, porque dona B, era muito gorda. O homem chamado A e a mulher chamada B tinham um filhinho chamado C. Então o senhor A e a senhora B e o filhinho C, quando andavam juntos, iam caminhando muito bem e a gente via eles assim A B C. A B C um dia saíram a passear, foram muito longe da cidade. Chegaram no campo quando já era de noite. Então o A disse para a mulher, que era dona B, “vamos fazer um abrigo com galhos de arvores e nos deitamos embaixo dessa casinha, porque a noite esta bem quente e não faz mal que se durma no campo”. O menino C, ficou logo louco de alegria. Dormir no campo era para ele uma beleza, o pae A e a mãe B, fizeram a casinha de galhos de arvores e primeiro deitaram o filhinho C, depois ele e ela se deitaram também. O senhor A e a senhora B logo pegaram no sono, mas o menino C, de tão contente que estava nem podia dormir. O céu estava cheio de estrelinhas, as estrelinhas são creanças também. Elas são filhas do sol e da lua, e quando crescem viram também soes e luas, a gente não vê muitas luas e muitos soes, porque quando crescem têm que se empregar noutros logares para dar luz a outros logares como a terra. Mas bem, uma das estrelinhas viu o menino C, que deitado de barriga para cima estava muito encantado olhando o céu. A estrelinha viu o menino C, e tanto fez, tanto se chegou para a beira do céu para olhar o menino C, que se descuidou, resvalou e caiu. Veio cair no chão bem perto do menino C, este quando viu aquela menina tão linda, com um vestido que brilhava como se fosse de ouro, foi logo para perto dela, para convidar para brincar com ele. A primeira coisa que fez foi perguntar como se chamava. Então a estrelinha disse que se chamava D. O senhor A e a senhora B sentindo falta do menino C, se levantaram e ficaram admirados ao vêr a estrelinha D, ali junto A B C D, naquela noite nem pensaram mais em dormir. A estrelinha D, passava horas e horas entretida com o menino C. O senhor A e a senhora B estavam muito satisfeitos porque agora o seu filho C, tinham uma amiguinha para

brincar, e essa era a estrelinha D(...). Depois, noutro livro essa historia continua (WAYNE, s/d, s/nº).

Os textos e sua relevância no campo da literatura e da alfabetização

Ao considerar alguns aspectos da historiografia da literatura infantil como a importância dos escritores, o significado das obras na história da alfabetização, a qualidade dos manuscritos e sua preservação, temos elementos suficientes para considerá-los como legítimos pertencentes à História da Cultura Escrita Brasileira.

“Artinha de Leitura” de Lopes Neto e “Histórias da Teté” de Pedro Wayne não integraram, até 2008, a história das cartilhas para alfabetizar no Brasil (MORTATTI, 2000) especialmente porque não foram publicadas. E o interessante é que no Brasil se utilizava, no final do século XIX e início do XX, as cartilhas “Arte da Leitura” e “Queres Ler?”, ambas traduções⁵.

As obras dos pioneiros Lopes Neto (1908) e Wayne (1937) podem ser consideradas a partir de seu vínculo com a escolarização, ou seja, com o desejo de disponibilizar, no momento da aprendizagem escolar, leituras adequadas ao universo dos leitores, no caso, a infância. O interessante é perceber que a diferença crucial que se apresenta entre os dois textos é que enquanto João Simões Lopes Neto reproduz uma cartilha para alfabetizar – baseada nas encontradas em escolas públicas e privadas no país – e apresenta historietas morais em seu interior, Pedro Wayne cria uma narrativa em que os personagens é que são as letras do alfabeto, apresentando um inovador conceito de alfabetização: o letrado.

As historietas de Lopes Neto foram escritas antes de 1910, ano em que ele estréia com “Cancioneiro Guasca”, a primeira obra do que veio a ser conhecido como o maior regionalista do RS. Aparentemente, escreve a partir dos recortes de figurinhas; as historietas não indicam similitude com o que se conhece de Lopes Neto, o que me leva a

⁵ O método João de Deus foi defendido até no congresso Nacional (MORTATTI, 2000) e está registrado em uma Cartilha Maternal denominada “Arte da Leitura”. É um pequeno livro escrito em português (de Portugal) que apresenta letras, sílabas, palavras e poemas em uma ordem diferente da alfabética. No final, aparece um texto poético mais longo e tabelas de adição, subtração, multiplicação e divisão. Foi adotada nas escolas públicas do Estado do Rio Grande do Sul e editada em Porto Alegre pela Editora Selbach. Escrita pelo professor uruguaio José Henriques Figueira “Quieres Leer?” foi adaptado pelas professoras Olga Acauan Gayer e Branca Diva Pereira de Souza, após submissão à “Comissão de exame de obras pedagógicas”. Aprovada em 1924, foi “adotada em inúmeros estabelecimentos de ensino público e particular” (GAYER & SOUZA, 1935).

pensar que o escritor acreditava em uma linguagem e um método especial para as crianças.

Já “Histórias” de Wayne é inovador para a época, pois apresenta uma narrativa para crianças o que pode ser observado através de uma linguagem especial (produção de léxico e uso de discurso direto), menção a conceitos inovadores à época como infância, adoção, velhice, trabalho, espaço urbano além de ter seus objetivos alcançados, ou seja, ensinou a ler.

Desde o seu título que “promete” histórias, Wayne deixa claro que “Histórias da Teté” não seria apenas a apresentação dos grafemas como personagens, em ordem alfabética e cumulativamente, como a maioria das cartilhas conhecidas até então. A leitura do manuscrito permite afirmar que as histórias são para a Teté (apelido da filha), pois as mesmas são “contadas pelo seu pai”, afirmação que aparece como um subtítulo na capa do 1º livro; nesse caso, Wayne afirma sua condição de autor.

Metodologicamente nos dois manuscritos há um vínculo com as letras do alfabeto: em Lopes Neto, nenhuma ordem mas todas as letras; em Wayne, a retomada constante da ordem alfabética com o intuito claro de que o ouvinte/leitor a memorize, indicando que o escritor desejava imprimir ao livro um caráter pedagógico e o alfabeto incompleto .

O conceito de leitura é bastante diverso para os escritores: Lopes Neto imagina crianças aprendendo com vagar as letras e suas combinações; Wayne deseja uma criança lendo uma narrativa, imaginando os personagens através de sua descrição a aprendendo uma ordem, uma vez que ao ilustrar, ele ressalta as letras em ordem alfabética.

A linguagem empregada em “Artinha” e “Histórias” é para crianças. No caso de Lopes Neto, através de perguntas aos pequenos e orientações aos mestres, especialmente nas notas de rodapé, deixa parecer que os imagina inteligentes, interativos, curiosos, bem humorados. No caso de Wayne, há “renovação do material lingüístico através da incorporação do vocabulário popular” (Ernesto Wayne, 1989), criação de palavras novas e até mesmo, marcas de insubordinação aos ditames da época e à literatura clássica. Pedro Wayne brinca: com palavras, com as crianças, com os conceitos e, por isso tudo, por brincar, é que se torna escritor; um legítimo escritor de Literatura Infantil.

Ao investigar a importância de “Artinha” e “Histórias” na História dos Métodos de Ensino da Leitura e da Alfabetização no Brasil percebi que os manuscritos são

importantes documentos e que um deles – “Histórias da Teté” – pode ser filiado à literatura infantil, gênero literário que estava sendo “inventado”. Para Zilberman (2009) a criação do livro indica a sensibilidade de Wayne, pois, segundo a estudiosa, “ainda que no âmbito privado e sem pretensões de torná-lo público”, Pedro Wayne pode “dar vazão a um texto inteiramente revolucionário que, passados quase setenta anos de sua elaboração, mostra-se ainda novo e inovador, como se tivesse vindo à luz há muito pouco tempo” (ZILBERMAN, 2009:16 in: ROSA, 2009). Importante afirmar também, que a descoberta, descrição e análise de “Artinha de Leitura” e Histórias de Teté” oportuniza estudos para além dos propostos e realizados nesse artigo.

Referências

- ALMEIDA, Julia Lopes de. Histórias de nossa terra. in: LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: história e histórias*. São Paulo: Ática, 1999.
- DEUS, João de. *Cartilha Maternal Arte da Leitura*. Porto Alegre: Editora Selbach, 1945.
- LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: história e histórias*. São Paulo: Ática, 1999.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira & GALVÃO, Ana Maria. *História da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- NETO, João Simões Lopes. *Ligeira Contradicta ao Conselho de Instrução Pública*. Porto Alegre: AHRs, 1908.
- WAYNE, Pedro. *Histórias da Teté*. Continuum as Histórias da Teté. Outras Histórias da Teté. Manuscrito. Santa Maria: Arquivos Pessoais, s/d.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.
- ZILBERMAN, Regina. Pedro Wayne – Pessoa de Letras. In: ROSA, Cristina. *Um alfabeto à parte: Biobibliografia de Pedro Rubens de Freitas Wayne – O Pedro Wayne*. Pelotas: EGUFPel, 2009.